



VOZES da
AGRICULTURA
ecológica

Capítulo 6

NATAN
FERNANDES

dezembro, 2017

Laércio Meirelles



dezembro, 2017

Natan Fernandes



Impressiono-me com a sanidade da lavoura de tomates dentro da estufa. Pergunto ao Natan o que ele tem pulverizado. De maneira displicente, diz que apenas duas pulverizações com um preparado de nutrientes.

— *Sou meio preguiçoso para pulverizar*
– diz ele.

— Sementes, Natan, você comprou?

— *Sim, da agropecuária.*

— E adubação?

— *Apenas no plantio, um adubo orgânico que compramos todos os anos, à base de esterco de aves.*

Reflico em tudo que sei e já ouvi sobre o cultivo de tomates. O primeiro que me ocorre é o fato de o tomate ser conhecido como uma cultura na qual são utilizados muitos agrotóxicos. É um daqueles cultivos que mesmo o consumidor comum, nem tão bem informado, tem receio de consumir, temendo que esteja contaminado por resíduos de veneno. Não sem razão, de fato, é um cultivo no qual, normalmente, são utilizados muitos tratamentos com venenos sintéticos.

Nas lavouras ecológicas de tomate também

são comuns muitas pulverizações. Claro que com produtos que não irão contaminar o fruto, quem aplica e, tampouco, quem os consome. Podem ser produtos que vão exercer algum controle biológico, onde seres vivos controlam seres vivos, evitando aumentos desenfreados em populações eventualmente danosas. Também são usadas caldas de nutrientes para fortalecer as plantas ou mesmo inseticidas naturais. Tudo em nome de manter a sanidade da planta e, assim, uma boa colheita.

Por isso, quando Natan afirmou ter aplicado apenas dois tratamentos foliares, com as plantas ainda pequenas, fiquei surpreso. Surpreendi-me, mas não deveria. Jovem, com 22 anos, segue na mesma toada dos seus familiares. Uma agricultura ecológica que utiliza poucos insumos comprados, quase se limitando aos recursos naturais que encontram à disposição em suas propriedades. Quando Natan nasceu, em 1994, os pais, Luzia e Tobias, já eram agricultores ecologistas e, posso dizer, conhecidos.

Pioneiros em seu município, Três Cachoeiras, e na região, Litoral Norte do Rio Grande do Sul, começaram a produzir ecologicamente ainda em 1991, após um curso sobre Agricultura Ecológica que participaram em abril daquele mesmo ano. A bem da verdade, quem participou do curso foi o tio do Natan, Paulo Fernandes. Quando Paulo chegou em casa e compartilhou o aprendido, os dois irmãos, Paulo e Tobias, definiram que iriam largar os venenos. Logo depois, Tobias



foi com o Padre Remi Casagrande¹ conhecer as experiências que já eram desenvolvidas nos municípios de Ipê e Antônio Prado. Ficou encantado com o que viu e reforçou sua decisão de não mais trabalhar com agrotóxico.

Tobias lembra que usavam, relativamente, pouco veneno nas suas lavouras. Em dada ocasião, aventurou-se a plantar tomate, à base de muito veneno, o mesmo cultivo que seu filho, 25 anos depois, plantaria em outras bases tecnológicas. Saiu-se muito mal, perdendo muito dinheiro e questionando-se sobre a viabilidade da agricultura convencional.

— *Fiquei brabo comigo mesmo e, naquele momento, decidi largar os venenos* – diz ele. *O Centro Ecológico, o curso e as informações que trouxe, viabilizaram esse desejo.*

Luzia, por sua vez, conta que lhe caiu muito bem a ideia de ter uma horta perto de casa, sem veneno e com boas possibilidades de comercialização para o que viessem a colher.

Assim, Natan nasceu e aprendeu agricultura nessa perspectiva. Ele acha engraçado quando ouve alguém dizer que não dá para plantar sem veneno, que não é possível produzir sem agrotóxicos. Ele cresceu acompanhando os pais nas hortas, no bananal, nas viagens para colher mel no município de Cambará do Sul, na pequena agroindústria onde processam banana, fazem farinha de mandioca, pães e inúmeros outros produtos. E, claro, nas Feiras de Produtos Ecológicos, quase sempre aos sábados pela manhã.



¹ Padre Remi Casagrande nasceu em Tunas Altas, Vila Oliva de Caxias do Sul, em 1957; foi ordenado presbítero em 1986 indo exercer seu ministério na Região de Torres. Já foi Pároco na área urbana de Caxias, em Vista Alegre do Prata, em São Marcos e Criúva, distrito de Caxias do Sul. Formado em Direito, sua militância pela agricultura ecológica foi reconhecida e hoje é liberado da Diocese de Caxias do Sul para assessoria à Agricultura Familiar e Agroecologia.

Os pais guardam uma convicção: o prazer que eles tinham em ir para uma lavoura sem veneno e, principalmente, o fato de poder levar o filho, sem medo, para as lavouras, incentivando-o a colher e comer o que quisesse, foi fundamental para que Natan tomasse o gosto que tomou por trabalhar na roça e seguisse feliz vivendo com eles.

É Tobias quem diz:

— *Nunca precisamos mandar o filho, quando criança, sair da lavoura por receio de alguma intoxicação por veneno, ou proibi-lo de comer uma fruta ou uma verdura.*

Ouçõ isso e me vem à cabeça uma placa que vi muitas vezes nos portões de pomares de maçã em Vacaria: “Cuidado, veneno!”.

Criado nessas condições de temperatura e pressão, não surpreende que, para o Natan, cultivar tomates de forma ecológica seja uma atividade natural. Decorrência de tudo que viu na vida, ele não esboça nenhuma surpresa com a sanidade das plantas em sua estufa, mesmo com tão poucos tratamentos, que são denominados na agronomia de fitossanitários.

Digo aqui, sem medo de errar, que a imensa maioria dos profissionais da Agronomia ou dos produtores de tomate teria convicção de que nesta estufa foi aplicado veneno.

— “Como você tem certeza de que eles não usam nenhum tipo de veneno?”

— “Devem pulverizar veneno escondido...”

— “Impossível, impossível um tomate assim sem pulverizar nenhum remédio...”

Essas seriam as perguntas ou afirmações que eu ouviria, de profissionais que veem a agricultura pela ótica de uma briga feroz entre os agricultores e os insetos, bactérias, fungos e outros seres que existem para impedir uma produção eficiente.

Perspectivas, perspectivas... cada vez mais aprendo que o que vemos não é o que é, assim, nu e cru, porque o que é, e conseqüentemente o que vemos, é fruto do que somos. Vemos

algo e interpretamos com o vetor que emerge do somatório de nossas vivências, experiências, aprendizados e o que decidimos fazer com eles.

O título da famosa peça de teatro do italiano Pirandello traduz essa reflexão do parágrafo anterior: “Assim é (se lhe parece)”.

Nesse caso, por exemplo, acho natural que um produtor, que há trinta anos plante tomate, tenha usado todos os tipos de agrotóxicos existentes e inventado outros, com misturas pouco recomendadas e desconhecidamente tóxicas, simplesmente ache impossível que se possa colher tomates, com produtividades de três a quatro quilos por planta, com uma adubação orgânica, e apenas dois, três, quatro tratamentos foliares, de caráter nutricional e não tóxico. Para quem conhece a lavoura de tomate, pode parecer uma produtividade tímida. Para Natan, com o baixíssimo custo de insumos que terá, um bom negócio.

Eu acrescento que vendendo em feira, com preços que refletem o valor que muitos consumidores conferem ao tomate produzido sem agrotóxico, passa à categoria de excelente negócio. Posso garantir que é. Ele relata um pouco do que vem ganhando e sei que teria que estar em um ótimo emprego como técnico agrícola para ter uma renda maior da que consegue com suas lavouras.

Perspectivas... ensinamentos que a vida nos traz.

Esse tomate do Natan me remete ao passado. Além da história dessa família, remeto-me, também, ao meu tempo de Universidade, à minha formação dentro da Agronomia e a opção que, em dado momento, fiz pela Agricultura Ecológica. Entrei na Universidade Federal de Viçosa em 1983, e em 1984 eu já frequentava o grupo de agricultura alternativa, procurando informações para além das que aprendia na Universidade. O que eu ouvia em sala de aula era quase sempre, ao meu juízo, muito contaminado pelos interesses das indústrias agroquímicas. Em dezembro de 1986, ganhei e li o livro “A Teoria da Trofobiose

– Plantas Doentes pelo Uso de Agrotóxicos”, do pesquisador francês Francis Chaboussou. Li atentamente e, de imediato, fui convencido pela tese que o livro apresenta. As plantas são atacadas por insetos, ácaros, fungos, bactérias e outros patógenos apenas se possuírem, em sua seiva, alimentação disponível para que esses seres possam se multiplicar na rapidez e intensidade necessárias para que causem dano visível e econômico aos cultivos. Ao longo dos milhões de anos de coevolução, assim sempre se deu. Senão, vejamos: em ambientes naturais, caso uma planta tenha uma disfunção metabólica e aumente sua disponibilidade de alimentos a um inseto, esse a procuraria para alimentar-se e, em caso de muito alimento disponível, o dano seria de uma severidade tal que impediria a reprodução dessa planta. Assim, a natureza evita a reprodução de um ser que apresentou uma diferenciação fisiológica que não significa uma evolução para a espécie. Por essa ótica, o inseto que dizimou um indivíduo (planta) ou mesmo boa parte de uma população, está avisando a essa espécie qual caminho evolutivo deve tomar. Ou qual não deve.

Segundo Chaboussou, algumas técnicas usadas na agricultura contemporânea, que por sinal é uma atividade relativamente recente na história da humanidade, causam alterações fisiológicas nas plantas, aumentando a disponibilidade de alimentos aos insetos (ou microrganismos), fazendo com que esses se tornem pragas (ou enfermidades). Dentre essas técnicas, a adubação com fertilizantes solúveis, facilmente absorvidos pelas plantas e a aplicação de agrotóxicos são as que mais fortemente provocam essa situação.

Em função do dito, deriva da Teoria da Trofobiose um manejo agrícola o mais próximo possível do natural, buscando nos acerrar do visto na natureza, onde temos muito menos problemas de pragas ou enfermidades agrícolas.

Vou voltar ao tomate do Natan. Pois bem, o que temos? Um solo que há mais de 25 anos não vê adubos solúveis

ou agrotóxicos. Sempre manejado com adubos orgânicos, dentre eles adubos verdes e manejo das ervas nativas. Antes do plantio das mudas de tomate, foi semeada aveia e roçada quando havia produzido boa quantidade de massa verde que, em contato com a terra, serve de alimento à vida do solo que, por sua vez, libera nutrientes em quantidade e diversidade bastante adequadas. Como complemento, a pulverização foliar de caldas de nutrientes e bom manejo da água no ambiente protegido de uma estufa. Para garantir frutos bonitos as pencas são envolvidas por um saquinho apropriado. Bingo! Temos uma lavoura de tomates vigorosa, com produtividade razoável e sadia, prescindindo dos agrotóxicos que mais a adoecem do que protegem (lembrem do subtítulo do livro do Chaboussou? “Plantas doentes pelo uso de agrotóxicos”).

A verdade, volto a dizer, é que quem aprendeu que os insetos (ou microrganismos) são inimigos arbitrários, que existem para dizimar as plantações, nesta “eterna e brutal” competição que é a natureza e, portanto, usa seu tempo estudando como matar esses insetos, não pode entender por que eles estão se comportando tão bem na lavoura de tomate do Natan. Quando algo visto não se encaixa de nenhuma forma em nossa visão de mundo e nem nos estimula a rever esta percepção, só nos resta negá-lo. Muitos de nós preferimos dizer que é mentira a revermos conceitos, por vezes, até nossas vidas. Um conhecido aforismo reforça esta percepção: “Nós não vemos o que não vemos”.

Velejo entre o presente e o passado e reflito como o trabalho desenvolvido nessa propriedade é um excelente exemplo de evidências da tese que a Teoria da Trofobiose expressa.

Retorno à propriedade. São oito hectares cultivados. Dois com banana. Os outros com uma diversidade de produtos que não vou desfilas aqui, mas que vou resumir com uma expressão que adoro: “plantam de um tudo”.

Assim como o Natan, seus familiares também não gostam

de pulverizar as plantas, mesmo com os produtos naturais permitidos dentro das regras da Agricultura Ecológica. No geral, o manejo do solo é parecido com o que o Natan fez em seus tomates. Plantio de adubação verde, manejo da vegetação espontânea (muitas vezes equivocadamente chamadas de plantas daninhas) e uso de esterços. Parte do esterco é oriundo dos animais que possuem – vacas, cavalos e cabras. A outra parte é comprada.

Nos últimos anos buscam diminuir a quantidade de adubo orgânico que compram. Nos dois hectares de banana já concluíram que não é necessário mais usar outro adubo que não o manejo das plantas que surgem, com roçada das anuais e podas das arbóreas. Sabem que, assim, a vegetação deixada sobre o solo vai ser decomposta, mineralizada e usada como alimento pelas vidas desse mesmo solo.

No maracujá e em alguns cultivos anuais, ainda sentem a necessidade de uso do adubo orgânico na forma de esterco, compostado ou não. Mas dizem estarem atentos às possibilidades de diminuir cada vez mais, minimizando custos.

A regra geral que eles aplicam é, a meu juízo, a regra de ouro da agricultura. A base dos insumos é a biomassa, que vai incrementar a fertilidade do solo em todas as suas dimensões. Biomassa é fruto de sementes, luz e água. Bem manejada, pode gerar uma produção agrícola com uma produtividade bem razoável, a um custo baixo. Pulverizações foliares, só quando necessário. Bingo de novo! Aliados a uma estratégia eficiente de comercialização, a melhor possível na condição dada. Perfeito!

Vejo a alegria do Natan em estar onde está. Os pais comentam a estratégia que usaram desde cedo para mantê-lo motivado a ficar em casa, trabalhando com eles. A renda obtida com a comercialização de determinados cultivos é dele. O que entra com a venda do tomate, por exemplo, é do Natan. Do maracujá, também. O fruto da venda para as cooperativas

de consumidores de produtos ecológicos da região também é dele. E assim eles vão fazendo uma conta que não me atrevo a entender, mas que deixa todos satisfeitos.

Eles frequentam a Feira em Torres, aos sábados pela manhã. Há catorze anos deixaram de participar da Feira de Porto Alegre. Luzia:

— *Eu não aguentava mais. Até poucos anos eu ainda pensava ouvir o relógio tocando às duas da manhã, horário que no início acordávamos para sair. Depois, saindo às nove da noite, ficou pior ainda...*

De outras famílias ouço que nunca vão deixar a Feira de Porto Alegre, que nem sabem o que fariam se não pudessem mais participar. Cada um com seu cada um...

Mudo de assunto e pergunto ao Natan se ele trabalha muito.

— *Não sei, acho que nem tanto. Trabalho, mas não acho que é muito.*

Vem à minha mente a frase atribuída a Confúcio que eu sempre cito, pensando no que sinto em relação à minha vida profissional: “Trabalhes no que gostas e nunca trabalharás”.

Penso em outro assunto que gostaria de conversar com o Natan. Lembro que ele é Técnico em Agropecuária, formado pelo Instituto Técnico Federal de Santa Rosa do Sul, no extremo sul de Santa Catarina. Começo a conversar sobre esse período da sua vida e acho graça dele comentando que não foi fácil, teve vontade de desistir e nem se formar.

— Por que, Natan?

— *Os professores não acreditam muito na Agricultura Ecológica. E a maioria dos colegas também não.*

— Entendo.

— *Além disso, ensinam muita coisa que não fecha com o que sempre vi em casa. Já não gosto muito de estudar, aí pensava em desistir... Mas ainda bem que continuei, me formei. Mas não penso em seguir os estudos, ao menos por enquanto.*

Não acho que ajudaram muito no meu trabalho. Uso mais o que eu aprendi em casa do que no colégio agrícola.

Emendo a conversa com outra preocupação que sempre tenho.

— Natan, e algum preconceito, algo assim de se sentir discriminado por ser agricultor, colono, “da roça”, você passou por isso?

— *Sim. Mais ou menos... Na verdade, mais antes do Ensino Médio, aqui mesmo na comunidade onde eu fiz as Séries Iniciais, eu sofria bullying porque nós não usávamos veneno nas lavouras...*

Penso em como ser diferente é sempre motivo de riso pelos que andam na forma proposta.

— E o futuro, Natan?

— *Por enquanto nem penso em sair daqui. Moro em um paraíso.*

O sorriso da mãe brota, espontâneo e merecido:

— *Ainda mais que é o único filho, né?*

Saio dessa visita e conversa com uma certeza renovada: paraíso existe. E deve ser construído.

